

FISSURAS EPISTÊMICAS: ILUSTRAÇÕES E PENSAMENTOS FEMINISTAS NEGROS

EPISTEMIC FISSURES: ILLUSTRATIONS AND BLACK FEMINIST THOUGHTS

Katianne de Sousa Almeida **1**

Resumo: Ilustrar é um caminho que desperta muitos sentidos, dois deles são tanto tornar compreensível certo assunto, quanto transmitir conhecimentos sobre determinada área. Tendo esses dois aspectos como sustentação, a ilustração neste artigo assume um caráter metodológico, em que se explora as potencialidades das narrativas gráficas com o objetivo de proporcionar maior detalhamento sobre o tema abordado, neste caso específico, os conceitos criativos e críticos dos pensamentos feministas negros. Tais epistemologias trazem para a superfície o debate sobre as intersecções entre gênero e raça e como estas alicerçam as relações de poder de maneira desigual. As imagens nesta produção acadêmica assumem o lugar de um recurso criativo de diálogo com feministas negras que promovem uma relação dialógica entre os conjuntos de pensamentos científicos e histórias silenciadas, originando fissuras nas abordagens hegemônicas brancas, europeias e masculinas da produção do conhecimento.

Palavras-Chave: Epistemologias. Narrativas gráficas. Pensamentos feministas negros.

Abstract: Illustrating is a path that arouses many senses, both of which are making understandable specific subjects and to transmit knowledge about a certain area. Having these two aspects as a support, the illustration in this article assumes a methodological character, which explores the graphical narratives in order to provide more details about the theme, in this specific case, the creative and critical concepts of black feminist thoughts. Such epistemologies generate the debate about the intersections between gender and race and how they increase power relations in an unequally way. The images in this article play the role of a creative resource for dialogue with black feminists who foster a dialogical relationship between the sets of silenced scientific thoughts and histories leading to fissures in white, European, and male hegemonic approaches to knowledge production.

Keywords: Epistemologies. Graphic narratives. Black feminist thoughts.

Abordagens sensoriais

Um espírito inquieto incomoda-se em percorrer caminhos que já estão desgastados, repetir práticas que não fazem mais parte do contexto vivido e não haveria maior desconforto que a repressão de sua expressividade. Contudo, a quem é dado o direito de se expressar? Alguns diriam que a todos, caso estejamos em uma estrutura político-social democrática, mas se olharmos visceralmente para estes cenários que se dizem acessíveis o que enxergaríamos?

Caso não queira responder a tais perguntas assim de imediato, todavia não lhe concedo desculpas para dar no pé e safar-se do exercício de despertar os sentidos, ou seja, olhar atentamente, ouvir pacientemente, provar peculiaridades de saberes, que talvez jamais te apresentaram e tocar, de forma sensível, os contextos desencobertos pelos feminismos negros.

Essa abordagem, um pouco misteriosa a princípio, é para criar condições de uma aproximação mais astuta na mesa que, na maioria das vezes, só tem homens brancos, que vivem por ali onde eles chamam de norte, mesmo que outras pessoas também muito sabidas já disseram que norte e sul é uma questão de referencial, ou seja, de ponto de vista, que, provavelmente, transem com mulheres, trabalhem umas quarenta horas semanais, não sabem o que é dupla jornada, ou talvez os “mais legais” “ajudem” suas esposas nas tarefas diárias e levem jeito para se relacionarem com seus filhos, ou não, já que alguns acham que sua função é pagar as taxas das instituições como escolas e hospitais, sendo estes feitos a “suficiente” contribuição.

Retomemos à mesa que estou a apresentar, a ela denominamos espaço de produção do conhecimento científico. Se estamos diante dela é latente o desejo da expressão, pois é a partir dela que somos reconhecidos por nossos pares, em que cria-se a possibilidade do diálogo e aperfeiçoamento conceitual. Apesar de perceber as possibilidades férteis deste lugar, a produção do conhecimento é um espaço de poder, conseqüentemente, um espaço de disputa, e como bem explorou a filósofa negra brasileira e fundadora do Geledés “Instituto da Mulher Negra” Sueli Carneiro (2005) é um espaço que tem dificuldades em compartilhar abordagens não hegemônicas, já que aqueles homens da mesa, referenciados no parágrafo anterior, não dão um espaçozinho, porque eles estão tão ocupados, ensinando um monte de coisa pro crioléu, que nem reparam que se apertar mais um pouco todo mundo pode sentar junto na mesa, não é mesmo Lélia Gonzalez (2018, p.190)?

Ao propósito pujante de se expressar, as possibilidades são tão infinitas, que aquele espírito inquieto, citado lá no início, não encontra a hora de bradar as possibilidades criativas da aproximação com a ilustração e os pensamentos feministas negros, tendo como objetivo a ampliação dos horizontes epistêmicos.

De acordo com Novaes (2005) assim como os textos, há uma riqueza informativa quando se utiliza as imagens:

Se um dos objetivos mais caros à Antropologia sempre foi o de contribuir pra uma melhor comunicação intercultural, o uso de imagens, muito mais que o de palavras, contribui para essa meta, ao permitir captar e transmitir o que não é imediatamente transmissível no plano linguístico. (NOVAES, 2005, p.110).

O conceito de narrativas gráficas (KUSCHNIR, 2014), ou seja as aproximações epistêmicas entre escrita e desenho, é importante neste artigo, pois busca-se traduzir para além das palavras (estas que são canonicamente aceitas como instrumentos capazes de produzir e construir o pensamento científico) interpretações visuais desconceitos.

Antropologia e Desenho são modos de ver e também modos de conhecer o mundo. Colocar esses dois univesos em diálogo permite um enriquecimento mútuo – isto é, desenhar contribui positivamente para a pesquisa antropológica, e vice-versa: pesquisar antropologicamente contribui para desenharmos o mundo à nossa volta. (NOVAES, 2005, p.28).

A primeira ilustração¹, por exemplo, foi importante destacar a necessidade de abrir o debate e forçar as concepções de quem pode falar quanto ao pensamento científico e que amplia o debate deste tópico sobre a tão necessária ação de se expressar. Posto isto, sabe-se da multiplicidade das formas de expressão, contudo para o campo da produção científica essa pluralidade é questionada e de acordo com a filósofa, socióloga negra norte-americana Patrícia Hill Collins (2012) a linguagem é um campo de disputa.



Segundo Collins (2012) o pensamento feminista negro é um espaço de conexão entre conhecimento e poder, conseqüentemente uma saída para estimular a resistência. Ela cita a feminista Obioma Nnaemeka que exemplifica essa ideia muito bem: “a maioria das mulheres africanas não estão obcecadas com articular o feminismo, pois simplesmente o praticam” (COLLINS, 2012, p. 115). É possível, portanto, articular os objetivos deste artigo com a ideia acima, visto que a produção do conhecimento não deve ter seu alicerce ancorado apenas em um tipo de linguagem, pois as epistemes são também tateis e não exclusivamente abstratas.

A contribuição dos pensamentos feministas negros no diálogo deste artigo é demonstrar como é possível conectar a práxis e a teoria, porque não estamos obcecados em escrever sobre o que é o pensamento científico, ou seja, estamos a praticá-lo.

Territórios colonizados, histórias silenciadas

No imaginário, quanto à produção acadêmica científica, destaca-se como referencial consagrado as realizações de homens brancos, ocidentais, heteronormativos e de classe média. Quando há um ideal de sujeito, denominado, algumas vezes, como escolhido, ou seja, que tem como função universalizar corpos e histórias, observamos um propósito violento de silenciamento da diversidade humana, já que esta é incapaz e inviável de se traduzir em algo uníssono.

Os projetos colonialistas dos continentes americano e africano serviram muito mais que conquistas materiais, eram estratégias de aniquilamento de culturas, de histórias, de vidas plurais. Ao interromperem as vivências singulares de diversos povos afogaram abundantes produções de saberes e deixaram submersas apenas a ilha do legado da mutilação escravista.

Resultados, desta experiência nefasta, são as opressões interconexas de raça, classe, gênero, sexualidade e nação. E são as mulheres negras as mais afetadas pela subjugação tanto pelo racismo quanto pelo sexismo. Mergulhadas em vários níveis de opressões, silenciamentos e estruturas que desejam os seus aniquilamentos.

¹ Todas as ilustrações aqui contidas são de autoria própria e foram criadas para tornar mais robusta a comunicação que se quer fazer. Foram criadas no âmbito da disciplina Epistemologias e Feminismos Negros, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da UFG, com o objetivo de compor uma discussão sobre a temática em tela, qual seja: epistemologias e feminismos negros.

Diante dos desafios de evitar o afundamento que nega os corpos e identidades negras, para Patrícia Hill Collins (2012) o feminismo negro estadunidense tem como objetivo resistir a opressão tanto em sua forma prática quanto nas ideias que justificam o racismo, pois não haverá empoderamento sem a eliminação das opressões.

Sendo assim, a alteridade que tanto se discute nas produções acadêmicas, sobremaneira no campo da Antropologia, somente será possível se forem favorecidas as posturas críticas e questionadoras, marcadas pelas múltiplas vozes, posicionamentos e temporalidades.

A ilustração abaixo transpõe o cenário dos desafios da visibilidade e as tentativas de se quebrar os silêncios impostos pela escravidão, pela colonização, pelo imperialismo e pela migração forçada. Depois de tantas formas de afundar os corpos negros, mesmo assim, existem resistências, pois os quilombos ainda estão sendo construídos. A escritora caribenha-estadunidense, poeta e ativista negra Audre Lorde nos convoca a transformar o silêncio em linguagem e em ação, mesmo que isto seja um ato perigoso. Entretanto, mesmo com o medo do desprezo, do aniquilamento e o temor da visibilidade, desprezar a luta de se romper com essas estratégias do racismo não é viável, já que não é possível viver verdadeiramente com tais amarras. Audre Lorde diz que

Cada uma de nós está hoje aqui porque de um modo ou outro compartilhamos um compromisso com a linguagem e com o seu poder, também com a recuperação dela que foi utilizada contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é de uma necessidade vital para nós estabelecer e examinar a função dessa transformação e reconhecer seu papel igualmente vital dentro dessa transformação (LORDE, s.d, mimeo).



É importante ressaltar que neste contexto de extermínio, invisibilidade e apagamento o campo do conhecimento foi construído. A ciência advinda pelo projeto iluminista tinha como base o pressuposto de se considerar como universal, isenta, neutra e nesta disputa do espaço do conhecimento, e, conseqüentemente, de reconhecimento, fabricou-se a mentira mais valiosa

da modernidade: o rigor teórico universal e a imparcialidade conceitual como especificou Neusa Santos (1983) em sua obra “Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social”.

Contudo, lentes poderosas foram confeccionadas para conduzir à visibilidade que auxiliaram tanto no passado, como auxiliam no presente para a demolição dos mitos indicados acima (neutralidade científica, imparcialidade teórica) que seriam os processos de agenciamento, militância e engajamento de pessoas negras, ou seja, a solidariedade entre as pessoas negras apresenta-se como força motriz para subverter a negação e o massacre de suas identidades.

A terceira ilustração ressalta o valor de novos olhares, com as lentes dos feminismos negros para abrir o horizonte de captação de conceitos e teorias, com a intenção de forçar os limites da escrita e dos arcabouços disciplinares clássicos. Os pensamentos feministas negros nos convidam a desarticular os projetos de hierarquização das diferenças, pois a diferença é um valor que deve ser celebrado e não o contrário, como uma justificativa de dominação e exploração.



Os territórios colonizados são espaços marcados pela dor e pelo silenciamento, entretanto, não podemos ser ingênuos que os corpos escravizados não seriam também corpos de lutas e resistências, como bem exemplificou Angela Davis (2016) em seu livro “Mulheres, Raça e Classe”.

A filósofa e feminista negra estadunidense na obra supracitada recusou a ilusão da neutralidade científica, demonstrando por meio dos diversos pensamentos de feministas brancas e negras as assimetrias sociais. Muito mais que o pragmatismo teórico, sua visão ativista tornou-a capaz de identificar os lugares de privilégios que cercavam as teorias postas no campo científico e as relações sociais dentro do trabalho, nas instituições como escolas, hospitais, nas moradias, nas ruas, dentro da família, entre outros espaços que precisavam (e ainda precisam), necessariamente, passar pelas intersecções de gênero, raça e classe.

Portanto, sem a interlocução com estas categorias de análises a construção do conhecimento, ou seja, as epistemologias, tornam-se vazias, ou melhor, cruelmente hegemônicas e incapazes de compreender os seus próprios limites. As diferenças, as vozes, os sujeitos precisam ser celebrados, pois é por meio da ebulição de tais misturas heterogêneas que surgem os questionamentos, as criações, as inovações, logo os pensamentos críticos. Almeja-se que os resultados das produções

científicas sejam dinâmicos, conseqüentemente, sejam ampliados os horizontes epistêmicos e o caminho para tal propósito está em descolonizar os corações.

E essa tal de Antropologia cumé que fica?

O entendimento quanto ao conceito de cultura não está pacificado, assim descreve o antropólogo branco brasileiro Laraia (2001), entretanto quando as pessoas negras produzem suas pesquisas acadêmicas há uma depreciação dos seus trabalhos, ou seja, estes são considerados como menos científicos e mais próximos de um manifesto ativista. E voltando pra mesa dos sujeitos hegemônicos do início do artigo, se nem mesmo eles conseguem unificar ou universalizar um conceito que sintetiza o campo disciplinar como podem ter tanta certeza que aquilo que o outro não-hegemônico escreve não condiz com o formato? Porque foi armada a quizumba e a pretaiada não aceita o controle nem dos seus corpos e nem de suas palavras (GONZALEZ, 2018, pp.190-191).

A produção da ilustração abaixo de uma mulher negra trasbordada por um pigmento dourado sintetiza as estratégias de resistência e a tomada da posse de seu lugar de direito de fala, pois o dourado, ou melhor, o ouro simboliza poder, externá-lo é um movimento de luta libertador. Mas, não é uma liberdade ingênua, é uma liberdade carregada do compromisso de produzir uma teoria social crítica.



A Antropologia, como um campo disciplinar, é chamada em caráter de urgência para não mais ignorar as vozes dos pensamentos feministas negros, ela não pode continuar com a postura de matriz colonizadora cega, surda e muda para a institucionalização do racismo, do sexismo e do classismo. O princípio da alteridade em que se firmou o campo parece ter ficado apenas no plano das ideias, logo o outro foi institucionalizado como sujeito que se podia continuar a discriminar, explorar ou oprimir.

No entanto, diante do projeto de colonialidade e silenciamento em curso existe a resistência, os movimentos dentro e fora da academia que desafiam a estrutura social excludente. Novamente coloco em evidência que os pensamentos feministas negros podem contribuir com o esfacelamento das hierarquias dentro da produção do conhecimento, pois não tem mais sentido retirar do pesquisador aquilo que o constitui, portanto é iminente a fusão entre a teoria e a prática. Na contemporaneidade da produção acadêmica não há mais fundamentos legítimos que mantêm os argumentos da neutralidade e imparcialidade da ciência, a todo instante grupos mobilizam-se para a prática de uma antropologia engajada.

Na quinta ilustração ressaltamos um dos princípios dos feminismos negros: encontrar estratégias no coletivo. É pelas alianças em grupo que se viabiliza o engajamento, a resistência e o empoderamento. É o coletivo que transforma as concepções hegemônicas.



No início deste artigo apresentei a ilustração como um caminho possível na ampliação do entendimento sobre determinados conceitos. A intenção da abordagem antropológica aqui prometida era tratar as epistemologias dos feminismos negros por meio do fazer. O desenho e a ilustração são caminhos em busca de alternativas aos cânones ortodoxos do mundo acadêmico.

A pretensa neutralidade científica é um mito comum da retórica da ciência, contudo as linguagens são múltiplas e somos chamadas e chamados a articular os diversos conhecimentos de forma criativa e crítica. A resistência também nos obriga a reinventar-se.

Ilustrar conceitos é debruçar sobre os significados de dentro para fora. Quando nos colocamos diante do exercício de criar linhas, formas, texturas e cores aprofundamos na análise dos temas que estamos nos propondo a estudar e, conseqüentemente, analisar.

A ilustração é também um caminho escolhido para criar afetos com o desenvolvimento da produção do conhecimento. Essa linguagem mostra o quanto, muitas vezes, o processo de se expressar é tão complexo e tão profundo que as palavras não são suficientes.

Comentários Finais

Na contemporaneidade, a Antropologia precisa ser um campo disciplinar de novas ideias e ter um espírito inquieto, conseqüentemente, das antropólogas e dos antropólogos exige-se o máximo das suas capacidades de criarem meios para a fissura das metodologias clássicas de pesquisa e das epistemologias tradicionais, ou seja, experimentar o seu potencial criativo para aguçar o olhar diante do contexto à sua volta e das possibilidades de expressões dos grupos sociais.

A próxima ilustração demonstra que este artigo é um convite ao mergulho profundo na investigação de outras linguagens para além da escrita, além de um olhar criativo para alguns conceitos dos pensamentos feministas negros, estes que tem como fundamento colocar-se em debate, em estado de alerta, em contínua fluidez. O diálogo com os pensamentos feministas negros deve pautar-se pelo processo de afetação, pela experimentação e por uma vivência real da alteridade.



Expressar a necessária força visceral que as mulheres negras precisam ter para serem ouvidas e lidas na produção científica hegemônica seria menos racista para mim, mulher branca, se eu também ousasse, como elas, romper as definições do cânone da Antropologia, ou seja, a sua suposta objetividade, os rigores das técnicas e dos métodos e do refinamento das palavras.

Portanto, gostaria de salientar que as alternativas epistemológicas são possíveis e a natureza experimental da Antropologia deve ser comemorada e jamais encoberta, como algumas vezes nos deparamos diante de cenários frustrantes no debate acadêmico. Não podemos nos esquivar de assumirmos riscos, porque ao final não é possível controlar os imponderáveis da vida cotidiana.

Referências

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. USP. 2005.

COLLINS, Patricia Hill. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: TRUTH, Sojourner et al. **Feminismos Negros: Una Apología**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012. pp. 99-135.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LARAIA, Roque de Barro. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LORD, Audre. **Textos Escolhidos**. [s.d] [Mimeo].

KUSCHNIR, Karina. «Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa », **Cadernos de Arte e Antropologia** [Online], Vol. 3, No 2 | 2014. Disponibilidade em: <<http://journals.openedition.org/cadernosaa/506>; DOI: 10.4000/cadernosaa.506>. Acesso em: 17 nov. 2018.

KUSCHNIR, Karina. «A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas», **Cadernos de Arte e Antropologia** [Online], Vol. 5, No 2 | 2016. Disponibilidade em: <<http://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>; DOI:10.4000/cadernosaa.1095>. Acesso em 17 nov. 2018.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na Antropologia. In: SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

UCPA, União dos Coletivos Pan-Africanistas. **Lélia Gonzalez: Primavera para as rosas negras**. Rio de Janeiro: Diáspora Africana, 2018.

Recebido em 15 de outubro de 2019.

Aceito em 1º de novembro de 2019.